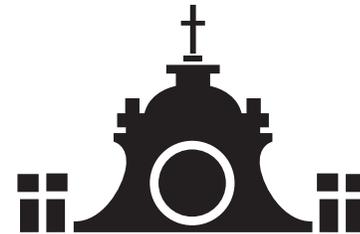




Almeida Faria

O MURMÚRIO
DO MUNDO

A Índia revisitada



PREFÁCIO

EDUARDO LOURENÇO

COORDENADOR DA COLEÇÃO

CARLOS VAZ MARQUES

RIO DE JANEIRO:

TINTA-DA-CHINA

MMXIII

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas /
Secretaria de Estado da Cultura — Portugal.



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA



A viagem do autor foi realizada e suportada
financeiramente no âmbito do ciclo «Os Portugueses
ao Encontro da Sua História», da responsabilidade
do Centro Nacional de Cultura, em 2006.

© Almeida Faria, 2013

1.ª edição: maio de 2013

Edição: Tinta-da-china Brasil

Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china Brasil

F234m Faria, Almeida, 1943-
O murmúrio do mundo: a Índia revisitada / Almeida Faria;
coordenação Carlos Vaz Marques.
1.ed. – Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2013.
152 p.; il.; 20 cm. (coleção de Literatura de Viagens; 2)

ISBN 978-85-65500-07-4

1. Ficção portuguesa. 2. Índia - Descrições e viagens
I. Marques, Carlos Vaz. II. Título. IV. Série

13-00107

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3-3

Todos os direitos

desta edição reservados à

Tinta-da-china Brasil

R. Júlio de Castilhos 55, Cobertura 01

Copacabana RJ 22081-020

Tel. 0055 21 8160 33 77 | 00351 21 726 90 28

Fax 00351 21 726 90 30

infobrasil@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt/brasil

SUMÁRIO

Prefácio
A Dupla Viagem 7

Partida 19
Goa 37
Cochim 81
Regresso 109

Notas finais 113
Sobre o autor 115

PREFÁCIO
A Dupla Viagem

Trouxe comigo um bloco confusamente escrevindo, uma curiosidade acrescentada, uma crescente descrença na *elegância da descrença*.

ALMEIDA FARIA

A viagem à Índia é para nós portugueses uma viagem a nenhuma outra comparável. Para nós inaugurou um tempo para sempre fora do tempo. Um tempo destinado a ser o único tempo da nossa História com a configuração de mito universal. Foi-o na hora mesma em que lá chegámos. Como a viagem à lua, há meio século. Foi no círculo desse acontecimento que nos demos então um passado grego e romano idealizado que nunca tínhamos tido. Aquele que um poema converteu na única memória que, desde então, nos serve de presente imemorable e eterno, ao mesmo tempo.

Toda a viagem é viagem à Índia, exigindo-nos que a refaçamos perpetuamente como para nos convenceremos que a mais onírica das nossas peripécias de pequeno povo do Ocidente não foi o puro sonho que também foi. Não vamos lá à procura de um continente de fábula onde a imaginação e seus delírios são a prosa mesma da realidade, como o autor deste *Murmúrio do Mundo* tão bem sublinha. Por sua vez,

essa fantástica realidade é não só uma tapeçaria fantasmagórica sem igual mas, ao mesmo tempo, uma alegoria vivida de uma viagem como procura de nós mesmos. Não de nós e do passado antes de lá termos aportado, mas de nós para sempre outros e únicos, por esse encontro com um mundo que nada tinha a ver connosco mas que logo nos deslumbrou pelo espectáculo da sua irreabilidade, como se fosse um outro mundo (e era e ainda o é...), um mundo que, como por magia e sem nada nos dar de visceralmente seu, nos deu uma outra existência e, sem o sabermos, uma outra alma.

Com a chegada e a estadia de séculos na Índia começava então a mais paradoxal metamorfose que a história do Ocidente conhecerá. Por misteriosa alquimia a nossa ocidental praia lusitana conhecerá, um dia, o mais paradoxal destino, o seu destino-Álvaro de Campos, a de ser por dentro e, pessoalmente, um «Oriente a oriente do Oriente».

Já era um pouco assim que a Lisboa do século XVI podia ser vivida pelos «nórdicos» que nos visitavam e vinham pelo «cheiro da canela» que perfumava as nossas ruas que pareciam «sonhos». Mas só o tempo faria dessa exterior impregnação oriental essa espécie de segunda natureza nossa de retornados de uma Índia e dos seus fumos de cobiça e estática existência. Com o tempo, os fumos evaporaram-se, ficou apenas o perfume e a nostalgia de uma glória longínqua, menos no espaço que na memória. E quando de todos os últimos ecos de uns e de outros se extinguiram, ficou a lembrança nunca extinta desse momento imperial exigindo de nós a repetição simbólica da viagem das viagens num

mundo onde a viagem é só quase imagem poética ou mesmo anacrónica.

A singular «Viagem à Índia» do autor de *A Paixão* e de *Lusitânia* não é nem uma coisa nem outra. De algum modo, e como não poderia deixar de ser, é antes uma espécie de «peregrinação de dupla face» à Índia real, agora saída, espectacularmente, do seu adormecimento mítico. É a mesma das evocações clássicas do antigo continente dos marajás e dos párias e agora extremamente pós-moderna, se o tempo indiano consente esta invenção europeia, dinâmica, inovadora, que espanta o mundo e simultaneamente à Índia da nossa memória de portugueses. Destes dois tempos, Almeida Faria compôs um só texto de original poética interseccionista. Não é precisamente a sua *India Song* mas uma partitura ficcional que cruza os nossos textos imemoriais de Quinhentos com o texto da realidade da Índia de hoje, tão outra daquela que os nossos cronistas do Oriente, olhos ainda virgens de ocidentais, podiam reflectir realisticamente.

Pela sua estranheza absoluta e mau grado as vagas de ocidentalização, a começar pela nossa, periférica, e a acabar na inglesa — interna e duradoura — o encontro com a Índia continua a surpreender, a interpelar pelos seus contrastes que têm a espessura de séculos. É uma terra que logo nos envolve, de um envolver que Almeida Faria assimila a uma «dissolução».

Talvez não seja por acaso que Almeida Faria, apenas desembarcado e confrontado com a Índia real, a caoticidade humana, para nós ocidentais, de uma cidade como

Bombaim, antiga terra da presença lusitana oferecida de graça à nossa «aliada» Inglaterra, recebe no corpo e na alma essa mensagem que é já em si a quinta-essência do continente indiano.

Longínqua filha da Índia — e não apenas da Ásia como miticamente a viram os gregos — e todos somos gregos até Valéry — a Europa somos nós de olhos não menos miticamente abertos por nos crermos eternos. Tudo se passa como se a Ásia — e a Índia no centro dela — fosse o espaço matricial do nosso inconsciente onde os deuses, e Buda que o não era, são pintados ou esculpidos de olhos cerrados. Desde Alexandre que uma Europa ainda à busca de si mesma sonhava com essa mãe desde sempre perdida. O que um dia se chamará misticismo aí tem a sua fonte: o antigo, que Plotino inventaria como visão e discurso de um Uno inacessível e só pensável por negação, e o moderno, que Eckhardt cristianizará como um paradoxal budismo sem morte nem dissolução no nada.

Como europeus, todas as viagens à Índia, desde a nossa de primeiros buscadores por mar das suas maravilhas de engenho, de raridades naturais para nós desconhecidas, são sempre regresso ao que não sabíamos que éramos e nos esperava sem nos esperar. Não foi só Alexandre que sonhou a Índia para aí se coroar simbolicamente como soberano universal, Imperador do Mundo. Para nós, portugueses, a chegada à Índia, o deslumbramento que nos causou, a dimensão onírica que nos conferiu para sempre tanto como o futuro fascínio inglês por esse império de sonho que eles

converteram em império da realidade, fizeram da Índia o símbolo mesmo da vida como fantasma e fantasmagoria do Ocidente. Uma das mais fascinantes novelas de Kipling converterá o mito do homem ocidental encarnado em Alexandre, ilustrando o sonho imperialista do Ocidente na sua hora culminante mas em mito do homem como rei de si mesmo. Coroado de nada, como a essência da Índia, reino da Ilusão o reclamava.

Uma viagem à Índia, real ou suposta, é sempre da ordem da ficção superlativa, um desafio único à nossa tradição ficcional de europeus que só por excepção é de recorte fantasmagórico. Filhos de Ulisses e de Homero que o evocou, nós sempre nos quisemos confrontar com os obstáculos e monstros da realidade e vencê-los para nós próprios existirmos como deuses. Ninguém o sabe melhor que um herdeiro dessa «quête» de realidade do que aqueles que nasceram para a ficcionar. Ir à Índia, reevocá-la, dá-la a ver aos que não fizeram essa viagem pleonasticamente iniciática nesse Oriente onde, como Pessoa imagina que «Cristo talvez ainda hoje viva, / Onde Deus talvez exista realmente e mandando tudo», é defrontar e confrontar-se com um desafio ficcional em estado puro. A simples evocação da «aparência» desse continente de gentes inumeráveis que vivem como quem morre e morrem como quem nunca viveu como nós ocidentais, inscritos e definidos pela Morte incontornável ou do seu mistério sem leitura, é uma experiência espiritual e vital, em sentido próprio, indescritível. Mesmo a esse nível, que é o do normal peregrino-turista, nenhuma

vivência dos outros labirintos ocidentais, mesmo os de Borges e seus mil caminhos que bifurcam, se pode comparar à visão «naturalmente» caótica daquele continente em perpétuo acto de se manifestar terrífica e sumptuosamente, dessa espécie de caos original da vida e da humanidade dela.

A essa espécie de tapeçaria irreal tecida de todas as letras vivas dos actos mais extravagantes do que chamamos, nós ocidentais, a cultura humana, a sua fosforescência contínua de gestos, de actos que relevam para nós dum colossal circo mágico ao ar livre contrapõe o autor de *A Paixão*, filho de um mundo de silêncio e luminosidade grega, uma leitura visual, sensível, sensual, em páginas repassadas de muito visível assombro, de natural fascínio pelo encontro com o «diferente» que nenhum conhecimento prévio da Índia, da sua paisagem, das suas imagens míticas, dos seus ídolos literários ou políticos, pode anteciper. Esse choque cultural, mesmo numa época já sem lugar para a surpresa absoluta dos outros, ninguém o pode evitar. Talvez seja uma das razões que temos para demandar a Índia como lugar por excelência de uma civilização, uma sociedade, uma cultura que mais do que qualquer outra é tão autocentrada, tão densa de temporalidades diversas, tão unificadas por dentro como se sozinha fosse para ela mesma e, sobretudo, para nós, um outro planeta. Sem verdadeiro exterior. Ou um exterior que somos nós.

Como se não bastasse, esse choque cultural que será para todos os que visitam a Índia mais ou menos o mesmo, ou idêntico, é para nós, ou evoca para nós, um espelhismo

singular. Singular e capital para a consciência e a leitura do nosso destino de portugueses na história do Ocidente. Foi o encontro com a Índia que marcou, indelevelmente, a singularidade da nossa história de pequena e obscura nação de horizonte cristão que como se fôssemos apenas a nação-*-navio* que após uma longa viagem de uma centena de anos abordou essa terra há muito inscrita no nosso imaginário e, enfim, tocada com um outro mundo. É essa viagem mítica nossa que nos inscreveu e escreveu o Ocidente num outro espaço, virtualmente global, que constitui o pano de fundo deste singular diário de uma viagem-relâmpago à Índia em geral e à *nossa*, em particular, que faz a originalidade do retrato que Almeida Faria nos oferece e o distingue logo na ordem formal de qualquer canónica excursão, ou visita, ao continente de Buda, de Gandhi, de Salman Rushdie, seus contemporâneos ou de Tagore, o primeiro grande poeta de leitura e celebridade universal dos anos 30. É um retrato tirado por um dos mais celebrados e precoces ficcionistas da sua geração, aparentemente silencioso, que aqui reata a propósito de um encontro contingente com a «ficção geocultural que é a Índia» o fio da sua própria ficção. Mas desta vez não o faz apenas na continuidade do seu antigo projecto, saga romanesca centrada na realidade matricial do Alentejo em continuidade na de Portugal como enigma a decifrar e a interpelar com a mesma paixão ficcional. Fá-lo como um autor português que, como todos nós e em nome de nós, já foi à Índia antes de lá ter ido, familiar da legenda imperial insólita que a viagem do Gama nos criou

e que deu uma outra existência, um outro passado. Aquele que os cronistas dela e dos seus frutos históricos, colonização ou conquista de improváveis Lisboas na periferia de um continente para nós inconquistável, iam registando um confronto que era menos com a Índia «hindu» do que com a Índia muçulmana. Desses palimpsestos da nossa glória imperial — mas também das cruezas e desvarios que a maculam como todas as colonizações — retira Almeida Faria o contraponto, ou talvez melhor, acompanhamento crítico, irónico, às vezes sarcástico, da nossa gesta finda. É uma viagem-diário com dois textos, o do espectador sem ilusões que retrata a Índia de hoje, tentando registar o que nela mais nos fascina ainda e aquilo que nos escapa e, porventura, nos escapará sempre, tão outros são os códigos culturais desse imenso mas sobretudo milenário cadinho das experiências e vivências religiosas, éticas e ritos da humanidade, e o texto do antigo encontro com o Outro no instante da sua invenção por nós ou se calhar ainda mais de nós por ele. Se em alguma parte o Oriente é «complicado» — melhor seria dizer «complexo» — é aqui. E Almeida Faria o sublinha. E não só o sublinha como ensaísta e filósofo, toca na raiz da diferença, na profunda e singular vivência de «temporalidade», tal como os grandes mitos da Índia, a poesia que os reflecte e a vida quotidiana para nós exemplo de perpétuo pasmo entre fascínio e vaga repulsa exprime.

Mas sente-se que Almeida Faria não foi à Índia como a maioria dos ocidentais e mais do que nunca à procura, por assim dizer, não de um Deus mas de uma «sabedoria» — ou

a sabedoria — que desde os tempos de Schopenhauer insidiosa mas profundamente interpela o Ocidente em processo de laicização também ela crescente ou definitiva, pelo menos na aparência ou nem isso.

Esta sua viagem à Índia é uma real e singular «peregrinação», um desejo de conhecer realmente o Outro diferente de «nós» que culturalmente somos como europeus e, em particular, como portugueses que há muito já não somos os «cristãos» orgânicos que durante séculos fomos. Como europeus nós vivemos, prosaicamente, uma espécie de «deserto» que nem é o mítico e sublime Deserto de Pessoa. O antigo projecto «fanático» de dominar e controlar a vida e conhecer o seu sentido não é já crença viva. Como se a Europa estivesse cultural e vitalmente cansada. Como se a mensagem e o exemplo «vivo», se assim se pode dizer, da Índia fossem afinal mais sábios e mais verdadeiros que ser os deuses de nós mesmos, curiosamente no momento em que a Índia (a Índia mítica) acorda do seu voluntário sonho que não separa a Realidade da Ilusão, a Europa vive, melancolicamente, como um continente que já não se projecta num Futuro que simbolicamente a coroava se não da mítica Felicidade e ainda menos da Beatitude de Sentido.

Em última análise, lendo esta tão original crónica de uma não menos singular viagem que é, sobretudo, viagem ao nosso próprio passado de «gloriosos conquistadores», agora só a braços com monumentos sem mais vida e leitura que a da nossa imperial nostalgia — no melhor dos casos — o que Almeida Faria acabou por escrever foi o mais

melancólico dos Requiem por esse esplendor, real e onírico, do nosso perdido Império. Os capítulos consagrados a Cochim e Goa farão para sempre parte dessa partitura póstuma que o fim do nosso império histórico não mereceu. Na verdade só o da Índia foi o único que mereceu visitar-se e numa ficção mais fabulosa que a mais fabulosa lenda do nosso momento imperial. Nietzsche escreveu «cristicamente» que só os túmulos conhecem as ressurreições. Só a ficção tem esse poder. O seu Requiem, menos pelo império havido que pelo império perdido e, por perdido, mais sublimado que o de Camões, é o triunfo puro da ficção. E o regresso de um grande romancista ao prazer, sem melancolia, da ficção.

Lisboa, 10 de Dezembro de 2011,
EDUARDO LOURENÇO

O MURMÚRIO DO MUNDO

Eduardo Lourenço escreve de acordo com a antiga ortografia.

PARTIDA

Despachadas as cousas todas, o Governador se embarcou e se fez à vela meado março, indo ele embarcado na nau São Thomé. Em a qual frota, além de gente ordenada para a navegação das naus, iriam até mil e quinhentos homens de armas, todos gente limpa, em que entravam muitos fidalgos e moradores da casa de el-rei, os quais iam ordenados para ficar na Índia, e por regimento que el-rei então fez eram obrigados a servir lá três anos contínuos.

Despachada a bagagem dita de porão, *embarcámos* aos trinta dias de novembro num avião sem nome de santo mas dotado do dom de trespassar os céus a altas velocidades. Além da tripulação e dos outros passageiros, éramos cerca de três dezenas de *gente limpa* em que entravam alguns antigos e atuais moradores da casa da governação do Estado, e não nos esperavam meses e meses sem fim no mar até à Índia, nem lá ficaríamos *três anos contínuos*.

Índia: o que nos traz esta palavra? Mahatma Gandhi, Ganges, Gama, Goa, Buda, guru, *Vedas*, Ayurveda, karma, *Kama Sutra*, *Mahabharata*, encantadores de cobras, faquires,

elefantes, tigres de Bengala, vacas sagradas, fogueiras crematórias, yoga, mantra, dharma, castas, párias, Taj Mahal, Akbar, palácios de rajás, turbantes e joias, pedras preciosas, diamantes rosa, colares, pingentes, braceletes, sedas, saris, caxemiras, açafraão, Assam, Darjeeling, caril, gergelim, hinduísmo, Hightech, Meca, Calcutá, Bollywood, Bombaim, Benares...

A Bombaim contávamos chegar na noite seguinte. Chegar a meio da noite a uma cidade que não se conhece pode torná-la mais estranha ainda. As primeiras pessoas avistadas, as primeiras palavras ouvidas, o ar leve ou pesado, a brisa, caso a haja, carregada de ruídos próximos ou longínquos, que não se sabe de onde vêm e intrigam mais por isso, tudo adquire uma importância inusual. Num misto de curiosidade e de cansaço, adivinho em vez de ver, a fadiga alerta-me os sentidos, os ouvidos tornam-se mais atentos, as narinas mais sensíveis, reparo melhor em cada ser, em cada som ou cheiro, sem saber se fico mais consciente de mim mesmo ou se o espírito do lugar toma conta de mim e me dissolve nele.

Suspeito, sem nenhum fundamento, que em certos lugares somos assaltados de modo enigmático pelo difuso pulsar de existências passadas, pela memória acumulada daqueles que antes de nós ali passaram. Lembro-me de descer de noite do comboio em Veneza num longínquo novembro, caminhar ao longo da gare quase vazia, sair do átrio da estação e deparar com as luzes mortíferas na outra margem do canal, junto a uma igreja iluminada. Os nossos passos em direção ao cais dos *vaporetti* pareciam ser o único som

naquele silêncio, até que adivinhámos ao longe a vibração de um barco a motor crescendo por cima do marulhar das águas embatendo contra os degraus de pedra da praça, contra as fatigadas fachadas dos palácios, e tive a sensação de reconhecer o desconhecido, de já ter ali estado.

Não senti isto na madrugada deste outro novembro ao sair do avião em Bombaim, aliás Mumbai, cidade babilónica cuja insónia produz coisas espantosas, misturando o mais arcaico da humanidade com o presente mais caótico, num caldo em que se confunde e explode tudo que é antagónico. Salman Rushdie, nascido em Mumbai no ano da independência da Índia, chama-lhe filha mestiça de um casamento luso-britânico: aqui a Índia encontrou o que não era Índia, aquilo que veio vindo por cima das águas sombrias do mar. Quando Camões aqui desembarcou, vir à Índia exigia (nas suas palavras) uma travessia *longa e áspera*. Hoje, viajar até tão longe apenas exige uns insignificantes sacrifícios. Acordáramos às quatro da manhã, noite fechada, a fim de apanharmos o primeiro voo de Lisboa para Frankfurt, onde, antes mesmo de deixarmos o nosso outono em direção à primavera do outro hemisfério, comecei a ver a Índia das imagens dos meus antigos manuais escolares. Na maioria das cadeiras e sofás em volta das mesas baixas, muitos indianos aguardavam já a hora de embarcar. Calmos, calados, contrastavam com o excesso de agitação e as catadupas de conversas dos outros viajantes. Para além da paciência, do silêncio, de uma certa harmonia nos gestos e lentidão nos movimentos, as diferenças entre os próprios indianos eram

óbvias, desde as tonalidades da pele até aos trajés.

A maioria das mulheres seria hindu, a julgar pelo *cucume*, ponto vermelho pintado entre as sobrancelhas das casadas. Umhas tinham lenço na cabeça, blusa comprida à maneira das túnicas, calças folgadas. Outras, a blusa justa chamada *choli*, sob o sari habitual nas cores mais luminosas, azul-alfazema, azul esverdeado, azul-ferrete, rosa-roxo, amarelo fosco, amarelo-ocre, vários vermelhos, a ponta superior atirada para trás das costas e a outra drapeando ao longo do tronco, metros e metros torneando a cintura e caindo depois como uma saia:

As mulheres trazem uns panos de algodão branco, que são de cinco varas de comprido; cingem parte dele da cinta para baixo, outra volta lançam-no por cima de um ombro e pelos peitos, de maneira que lhes fica um ombro ou braço de fora, muito docemente... São ensinadas, de meninas, a cantar e bailar e voltear e fazer muitas ligeirices. São mulheres muito formosas, de muito grande presunção... trazem no nariz um pequeno buraco em uma das ventas e nele mesmo um fio de ouro com uns pependentes de uma pérola, ou de uma safira ou rubi; isso mesmo trazem também as orelhas furadas; nelas muitas orelheiras de ouro com muita pedraria. Ao pescoço uns colarinhos de ouro e de pedraria, justos. Nos braços muitos braceletes de ouro e da dita pedraria, contas de muito bom coral muito rico.

Os homens, mesmo os mais adaptados ao vestuário ocidental, mantinham aquela distância a que chamamos oriental, uma ausência que não se confundia com aborrecimento.

Um deles cabeceava, meditabundo como o Buda. Um outro, alheio aos olhares alheios, dormia mesmo, a cabeça e os braços no tampo da mesa. Por causa do frio lá fora, um velho seco, digno, enfiara um gorro de lã grossa até aos olhos sem perder a compostura nem rezear o ridículo.

São homens baços, quase brancos, de cabelos compridos, corredios, pretos. Isso mesmo são homens de muito boas estaturas e de nossas próprias fisionomias...

Trazem uns trajos, a saber, uns panos, da cinta para baixo, com muitas voltas, muito bem apertados; trazem umas camisas curtas que lhes dão pelo meio das coxas, de pano branco de algodão ou seda ou brocadilho, que são mesmo abertas por diante; em a cabeça umas touquinhas... Andam sempre com os corpos untados com sândalo branco e linaloés e cânfora e almíscar e açafraão, tudo moído, diluído com água-rosada. Banham-se cada dia; depois que são banhados, se untam mesmo com estes materiais que cheiram muito.

Não havendo suficientes lugares sentados, um rapaz indiano pediu-me licença para se encostar à parede ao pé de mim. Vestia camisa branca, gravata, colete e fato completo, leve, como se fosse a uma festa. E ia. Trabalhava em Londres e queria casar em Goa na tarde seguinte porque *ela* era goesa. Imaginando noivos que nunca se viram e um casamento combinado pelos pais com pagamento de dote à família dele, perguntei se conhecia há muito a futura mulher. Deve ter percebido a minha alusão, talvez o meu preconceito, ao responder-me que, se era isso o que

eu queria saber, ambas as famílias eram cristãs e portanto não seguiam usos desses. Foi a minha primeira lição prática sobre as mil faces da Índia.

Habitados aos cómodos incómodos dos nossos passeios aéreos, não é fácil pormo-nos na pele dos homens das armadas de outrora, amontoados em acanhados cascos de naus e bergantins, galeões, caravelas e outras embarcações de alto bordo e alto risco, com medo de serem devorados pelos monstros marinhos, ou de que os seus corpos, ao entrarem na zona tórrida, lhes ficassem escuros como os dos povos daquelas quenturas, ou com medo de alcançarem o fim do mundo, lá onde os abismos escancaram as goelas e engolfam navios e homens. Mesmo quem não cria em crenças receava doenças e tormentas e enjoos e tormentos durante os temporais:

Na própria nau de Tristão da Cunha, primeiro que partissem, morreram seis ou sete, e por esta causa achava-se tão pouca gente para o número que ele havia de levar, que conveio el-rei mandar soltar alguns presos que estavam julgados para ir cumprir degredos a outras partes, porque a gente do reino não se queria meter neste perigo.

Razões não faltavam para rezear a comida estragada, a falta de água, os riscos de ir a terra buscá-la, os ataques dos mouros e bandoleiros do mar:

Coziam os coiros das arcas por se não poderem manter; e sobre a

fome, a água que bebiam era meio salobra e tão barrenta dos enxurros das crescentes que traziam os rios naquela invernada, que não assentava o pé em dous dias, e isto porque não havia aguada que os mouros não tivessem tomada; e se às vezes os nossos à força de armas a queriam ir fazer, uma gota de água custava três de sangue.

E os surtos de escorbuto provocados pela falta de frutos e verduras, as epidemias agravadas pelas demoras durante as calmarias temíveis como os naufrágios:

Ao outro bergantim... acabaram-se-lhe os mantimentos e, indo-os buscar a uma daquelas Ilhas, deram os naturais neles de sobressalto e mataram-lhe quinze homens com o Capitão... e deu-lhes uma tormenta com que se apartaram os bergantins... e todas as quatro embarcações assim como estavam vieram à costa e se fizeram em pedaços, onde morreram quinhentas e oitenta e seis pessoas.

E a sorte nem sempre era mais generosa para quem não se afogava logo:

Andámos nus e descalços por aquela praia e por aqueles matos, passando tantos frios e tantas fomes que muitos dos companheiros, estando falando uns com os outros, caíam subitamente mortos em terra, de pura fraqueza, e não causava isto tanto a falta de mantimento, quanto ser esse que comíamos muito prejudicial por ser todo podre e bolorento e, além de feder insuportavelmente, amargava de maneira que não havia quem o pudesse meter na boca... e dos tubarões comíamos uma só talhada da grossura de dois dedos, e as-

sim íamos tão fracos que nos não podíamos ter, e assim passámos muita fome e sede... que houve pessoas que bebiam mijo e dele morreram.

Para nós tudo se torna agora fácil: entre cada divisória do gigante volante, tabuleiros com copos cheios de água convidavam-nos a beber muito para evitar inchaços de pés, problemas de circulação sanguínea, enfartes, embolias. E, se a imobilidade nos entorpecia as pernas, podíamos estendê-las, mover os tornozelos em pequenos círculos, andar ao longo das coxias.

Assim que se apagou o sinal de apertar cintos de segurança, houve quem desatasse a caminhar coxia abaixo coxia acima, e a mais original das passageiras ensaiou até uns exercícios físicos, indiferente a sedentários sorrisos.

Avançando contra o suposto sentido do sol ao voarmos para leste, adiantamos os relógios, o dia desaparece mais depressa, tempo e espaço, medidas para mim um tanto mágicas, ficam semibaralhadas. A seguir ao almoço era noite, mas a trepidação em certos percursos e a dificuldade do meu corpo em saltar fusos horários sabotaram-me o sono. Por isso, nos vagares da travessia, observei os meus vizinhos indianos e as suas crianças bem arranjadas, quase demasiado bem comportadas, sem se agitarem nem falarem alto. Uma pré-adolescente indiana levava preso ao cabelo, em estilo cerimonioso, um fio com argolas claras que pareciam de prata e, no pulso, uma espécie de rosário com dezenas de pequenas contas em madeira, quem sabe se para obter

a proteção de Brahma, criador e energia do mundo, ou de qualquer outra dos milhões de divindades dessa Índia onde, diz-se, são tantas quantos os humanos porque cada um tem a sua.

Sem conseguir dormir, fui lendo sobre a cidade onde em breve aterrariamos. Segundo uma etimologia aparentemente óbvia embora errónea, o nome Bombaim provinha da expressão portuguesa «Boa Baía», transformada pelos ingleses em Bombay por julgarem tratar-se de uma baía (*bay*). Na verdade, Bombaim não era baía, era uma série de sete ilhas e ilhotas pantanosas agora ligadas. No ano cento e cinquenta da nossa era, Ptolomeu chamara-lhe Heptanásia, por causa das sete ilhas que os hindus apelidaram de Mumbai invocando talvez a deusa Mumba para que ela lhes concedesse a segurança da terra firme. À cautela deram uma ajuda à deusa, construindo sucessivos aterros, paredões, canais e diques. Os quais, contudo, na estação das chuvas, não impedem as águas de incharem e inundarem casas, ruas e bairros. Já no século dezassete, António Bocarro, sucessor de Diogo do Couto como cronista e guarda-mor da Torre do Tombo de Goa, registou o termo «Mombaim»:

Esta povoação de Mombaim é cousa pequena, espalhada. Tem onze portugueses casados, o que, com os naturais pretos, vem a fazer setenta espingardeiros.

A rebatizada Mumbai, com mais habitantes que Portugal inteiro, é hoje *cousa* gigantesca e capital do estado de

Maharashtra. O aeroporto internacional cheirava a mofo apesar do ar condicionado, um bafo que a memória me trouxe misturado com imagens de outros aeroportos, nouros trópicos, Rio de Janeiro, Salvador, Aracaju, Recife, Bissau, Dakar, São Tomé, Luanda a seguir ao Natal, quando cheguei à porta do avião e a primeira baforada de abafada humidade me deixou incapaz de respirar. Mas aquelas distantes descidas em terras tropicais eram uma visão arcádica quando comparada com a multidão sonâmbula que cercava o carrossel das bagagens às duas da madrugada em Mumbai, e se esgueirava uma hora mais tarde diante de funcionários alfandegários de fardas às três pancadas, fixando-nos como se fôssemos aves raras. Fora, no calor compacto, odores fortes a gases de automóveis, a sujidade, a suor. E crianças-rapazes pedindo. Tinham-me aconselhado a nunca dar esmola porque depois os pedintes não nos largam. O olhar indefeso, a insistência e a idade deles despertaram em mim a tortura da compaixão, a obscura vocação para a culpa, e distribuí ao acaso as rupias acabadas de trocar.

Os rapazes desapareceram numa correria, e só então reparei nos carregadores desinteressados das nossas malas, sentados ou encostados aos carrinhos metálicos enormes, desajeitados, antiquados, aqui ainda usados para levar malas. No imenso parque de estacionamento à nossa frente, centenas de táxis parados com ar de ali estarem há séculos. Falar em centenas de táxis soa a mendespintice. Garanto que não mendespinto. Nas entupidas ruas de Mumbai andam cinquenta mil táxis de vários tipos, uns de

tejadilho cinza, amarelo ou creme claro e portas azuis ou pretas, outros com frisos decorativos colados aos vidros, muitos como riquexós de três rodas e sem portas, para que a circulação do ar faça as vezes de ar condicionado. Teriam os taxistas estacionado no aeroporto para se adiantarem na fila e apanharem os primeiros passageiros do dia seguinte? Estariam dormindo por ali? Nesta terra e nesta época, quem não tem teto dorme onde calha. Mais tarde, em Goa, na festa de São Francisco Xavier, verifiquei que dormir ao relento, sobre um pano, um lençol, uma esteira, é coisa corrente. E comecei a levar à letra o que antes lera: que aqui a realidade é tanto mais provável quanto mais inverosímil. Ia eu perguntar ao nosso condutor do autocarro o porquê de tanto táxi, quando as mãos infantis surgiram de novo, agora em bando, pedindo *money, chocolate*. O condutor gritou para nós: *please close the windows*. Foi pior. Já as mãos subiam pelas rodas, pelo estribo, batiam nos vidros, já as caras esqueléticas, estremunhadas, esborrachavam o nariz contra as vidraças. Como vieram assim de repente, a milhas do centro, saídas de dentro do escuro da noite sem fundo? E como se evaporaram também de súbito, antes mesmo de nos afastarmos? Foram amaldiçoadas? Até ao hotel, na Nehru Road, perto do aeroporto, não vimos senão periferias, casas degradadas, barracas de comes-e-bebes, noctívagos meio perdidos, cães e lixo. Mas o *Ecotel — The Hallmark of Environmentally Sensitive Hotels* — era o oposto disto. Em folhetos nas mesas da entrada, a astuta gerência anunciava que, desde o papel de carta à esferográfica forrada a papel pardo e aos sapatos

de quarto, tudo era reciclável.

As cascatas e as palmeiras em vasos no alto átrio para onde davam os seis pisos dos quartos e no meio do qual, sem ruído, subiam e desciam elevadores de vidro; o número exagerado de empregados desesperantemente amáveis, uns para nos desejarem boas-vindas, outros para nos oferecerem refrescos, outros apenas para ondular a cabeça de maneira esquisita, dizendo *sim* num movimento mais semelhante ao nosso *não*, ficando a gente sem saber se é *não* ou *sim*; e o cansaço da viagem, o identificar das malas e o carregar com elas, a entrega dos passaportes e a recolha dos passaportes, o subir a um quarto desconfortável e cair numa cama desconhecida receando que o corpo me tivesse ficado para trás, incapaz de acompanhar mudanças tão radicais em ritmo tão rápido, tudo esvaziava de poesia aquela chegada à Índia. Poucas horas passadas, tendo adormecido tardíssimo e acordado cedo de mais, num tempo indeciso em que, para o relógio do meu corpo, o dia era ainda a noite anterior, a noite interior, interroguei-me sobre se o olhar duro daquelas crianças adultas fora um pesadelo da *hora do lobo*, a pior hora da noite, ou se as mãos infantis, as bocas tristes e as caras pedintes realmente existiram.

A caminho do aeroporto de voos domésticos com o nome ainda cristão de Santa Cruz, a crua luz da manhã seguinte mostrou-nos as vacas sagradas, ou seja, qualquer vaca. Paradas na berma de ruas esburacadas, andando devagar ou deitando-se em tudo quanto é sítio, não se assustam com coisa nenhuma, certas de que ninguém lhes fará mal,

de que estão fora das leis da pecuária. Mastigando melancolia numa estoica impassibilidade, numa introspeção grave e contínua, emanam uma serenidade absorta e meditativa. O serem sagradas não as salva de serem sujas e escanzeladas. De cornos curtos e cabeças mais estreitas que as vacas europeias, há-as com o cachaço carnudo dos gebos ou zebus ou com gibas pequenas, talvez arraçadas de zebu. São tão magras que as costelas se podem contar. A pelagem baça, acastanhada ou acinzentada, raramente respira saúde. Serão indiferentes ao que as rodeia e demasiado fracas para que lhes apeteça dar um passo, obrigando os carros a desviar-se? Resistem apenas? Ou protestam contra a pressa de quem, como nós, insiste em furar por entre a desmesura do trânsito caótico de bicicletas, camionetas e roucos automóveis, frenesim buzicante e contudo fluente.

Nos sacrifícios védicos, o leite e a manteiga clarificada são usados com fins rituais, sendo o leite vertido sobre os símbolos religiosos e a manteiga lançada sobre o lume a fim de tornar mais duradoura a chama. Os excrementos vacuns, além de servirem de estrume, servem há milénios de combustível doméstico, com eles se cozinha e se aquece. A urina, aproveitada para corantes, é também utilizada em cerimónias purificadoras. O grupo nacionalista RSS deu-lhe mesmo um novo uso: para acabar de vez com os efeitos deletérios da Pepsi ou da Coca-Cola, bebidas «anti-indianas que corrompem a juventude», encomendou ao Departamento Protetor da Vaca o fabrico da bebida gasosa Gau Jal (Água de Vaca), feita à base da dita urina e

com a vantagem de não ter cheiro nem produtos tóxicos. Perfeita aliança entre o sagrado e o profano, entre razão prática e razão teórica. A Índia passa aliás por ser o país mais religioso do mundo. De acordo com um censo recente, três quartas partes dos indianos são hindus, doze por cento muçulmanos, seis por cento cristãos. Os seis ou sete por cento restantes são animistas, budistas, judeus, siques, jainistas e, em número residual, os masdeístas ou parses, descendentes dos persas e seguidores de Zaratustra ou Zoroastro (século sete a.C.), que colocam em altas torres de pedra os mortos que serão libertados dos seus corpos pelos bicos e garras de corvos e abutres, curtidos pela feroz luz do sol, lavados pelos dilúvios da chuva. Sem esta riqueza de religiões, como suportariam os indianos tanta miséria?

Enquanto avançávamos por terras cor de ferro, sem árvores ou só com um par de árvores poeirentas, entre as vacas-sem-medo e casinhotos de tábuas servindo de lojas, oficinas de motos, montes de carros velhos e sucata, sórdidos charcos, águas empapadas, uma fábrica inativa com ar de arqueologia industrial, lembrei-me de dois momentos que determinaram, em parte, *os muitos ontens da história* desta hipercidade.

O primeiro foi em mil quinhentos e trinta e três, quando um sultão que precisava de aliados ofereceu aos recém-chegados portugueses o controle sobre umas ilhas ditas de Mumbai. O segundo, pouco mais de um século depois, foi quando os portugueses incluíram Bombaim no dote da infanta Dona Catarina de Bragança, para convencerem a coroa

britânica a casá-la com Carlos II. O dote só aparentemente era magnânimo. A criação das primeiras Companhias das Índias Orientais, a inglesa em mil e seiscentos e a holandesa dois anos depois, retirara aos portugueses parte do poder na Ásia. Já em mil seiscentos e vinte e seis os navios ingleses tinham assaltado Bombaim, roubando e queimando tudo. Para evitar tais assaltos, o contrato pré-nupcial entre as Casas Stuart e Bragança estipulava que a frota britânica ajudaria os portugueses na defesa das suas praças. Promessa vaga que logo em mil seiscentos e sessenta e um o vice-rei daquela Índia que os portugueses consideravam sua previu que seria uma Caixa de Pandora. Adiou a entrega o mais que pôde, prevenindo por carta o rei de Portugal:

Confesso aos pés de Vossa Majestade que só a obediência que devo como vassalo pudera forçar-me a esta ação, porque antevejo os grandes trabalhos que desta vizinhança hão de nascer aos Portugueses; e que se acabou a Índia no mesmo dia em que a Nação Inglesa fizer assento em Bombaim.

Claro que a Índia não acabou, o poder marítimo-militar dos portugueses é que já declinava quando, na desastrosa derrota da Invencível Armada, Felipe II de Espanha afundou no Canal da Mancha a sua frota, que então incluía a lusitana. Durante os sessenta anos de união entre Espanha e Portugal, os inimigos da Espanha tornaram-se inimigos de Portugal, e o policiamento dos demasiado valiosos portos da Índia transformou-se numa guerra contínua,

não apenas contra o inimigo *israelita*, com quem sempre terás guerras sobejas, também contra potências europeias e contra os senhores clandestinos dos mares: piratas e corsários.

No ardor da manhã do primeiro de dezembro, descolámos do aeroporto doméstico na antiga ilha de Salsete, hoje parte da Grande Mumbai, sobre bairros de lata num solo acastanhado, desguarnecido e devastado de subúrbios que nem o sol conseguia tornar menos soturnos. Mas, ao rumarmos a sul, mudou o mundo: à nossa esquerda os contrafortes dos Gates Ocidentais escorregavam até aos recortes da orla do Mar Arábico, liso, translúcido, cheio de angras, enseadas, desembocaduras de rios e riachos sombreados pelos troncos empinados e pelos ramos ralos dos coqueiros, de certo semelhantes aos do tempo do Gama:

Quero descrever outra árvore, a melhor do mundo: chama-se tanga [coqueiro] e parece uma palmeira das de tâmaras, podendo-se tirar dela dez utilidades. A primeira é lenha para arder, e depois nozes para comer, cordas para navegar por mar, panos delgados que depois de tintos parecem de seda, bom carvão, vinho, água, azeite e açúcar; as folhas que se tiram quando cai algum ramo servem para cobrir as casas e resistem à água por meio ano.

Assim, visto de cima, o verde intenso das palmeiras ondulava levemente:

Toda esta terra do Malabar, ao longo do mar, é coberta de palmei-

ras... têm os pés muito limpos e lisos, somente, em cima, uma copa de ramos entre os quais ramos nasce uma fruta grande que se chama coco; é fruta de que eles muito aproveitam; cada ano carregam dela muitas naus do Malabar.

E nestas árvores os europeus iam descobrindo, com fascínio e cobiça, qualidades inauditas:

Há outras palmeiras de outra sorte, mais baixas, donde se colhe a folha em que os gentios escrevem suas contas e cartas e livros e há outras palmeiras delgadinhas, muito altas, limpas as hastes delas, em que nascem uns cachos de uma fruta, tamanha como nozes, que eles comem com o bétel, que chamam areca, que é entre eles muito estimada e muito fera e desgostosa.

Notas finais

Frases em *itálico* sem indicação da sua origem são dos autores seguintes:

Adolfo García Ortega

Alexander Search

Antero de Quental

António Ferreira

Álvaro de Campos

Bernardo Soares

Cecília Meireles

Diogo do Couto

D. João de Castro

Duarte Barbosa

Eduardo Lourenço

Francisco Rodrigues da Silveira

Frei João dos Santos

Friedrich Nietzsche

Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling

Garcia de Orta

Gil Vicente
Georg Wilhelm Friedrich Hegel
História Trágico-Marítima (autores vários, alguns anónimos)
Ingmar Bergman
Jaime Cortesão
João de Barros
J. M. Coetzee
J. P. Oliveira Martins
Jorge Luis Borges
José Maria de Sousa Monteiro
Joseph Conrad
Ludovico di Varthema
Luís de Camões
Luís Quintais
Manuel de Faria e Sousa
Manuel Godinho de Erédia
Manuel Severim de Faria
Octavio Paz
Sá de Miranda
São Francisco de Assis
Søren Kierkegaard

Os textos dos séculos dezasseis e dezassete tiveram alterações mínimas na pontuação ou na grafia. À minha amiga e tradutora Marianne Sandels devo a oferta do último exemplar disponível em antiquários suecos da (até hoje única) edição do *Livro* escrito em português por Jacobo Fenicio.

SOBRE O AUTOR

Almeida Faria nasceu em 1943. Na Universidade Nova de Lisboa, lecionou Estética em cursos de Filosofia. Em outros departamentos, deu cursos de Psicologia da Arte e Teoria da Literatura.

Os seus livros estão traduzidos em muitas línguas e são objeto de estudo em vários países. Pelo conjunto da sua obra, recebeu o Prémio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora e o Prémio Universidade de Coimbra.

BIBLIOGRAFIA

- Rumor branco*, romance, 1962 — Prémio Revelação de Romance da Sociedade Portuguesa de Escritores, Editorial Caminho (4.^a edição), Lisboa, 1992, prefácio de Vergílio Ferreira.
- A paixão*, romance, 1965 — Leya (11.^a edição), Lisboa, 2008, prefácio de Óscar Lopes.
- Edição brasileira: Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988
- Tradução alemã: S. Fischer Verlag, Frankfurt.a.M., 1968

Tradução francesa: Gallimard, Paris, 1969
 Tradução holandesa: De Prom, Baarn, 1991
 Tradução italiana: Passigli, Florença, 1998
 Tradução sueca: Almaviva, Uppsala, 2009
Cortes, romance, 1978 — Prêmio Aquilino Ribeiro da Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Caminho (3.ª edição), Lisboa, 1986, prefácio de Manuel Gusmão.
 Edição brasileira: Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1991
 Tradução sueca: Norstedts, Estocolmo, 1980
 Tradução parcial alemã: *Fragmente einer Biographie*, LCB, Berlim, 1980
 Tradução francesa: Belfond, Paris, 1989
Lusitânia, romance, 1980 — Prêmio Dom Dinis da Fundação Casa de Mateus, Editorial Caminho (5.ª edição), Lisboa, 1987, prefácio de Luís de Sousa Rebelo.
 Edição brasileira: Difel, São Paulo, 1986
 Tradução parcial alemã: *Fragmente einer Biographie*, LCB, Berlim, 1980
 Tradução sueca: Norstedts, Estocolmo, 1982
 Tradução espanhola: *Lusitania*, Alfaguara, Madrid, 1985
 Tradução grega: Medusa, Atenas, 1990
 Tradução francesa: Belfond, Paris, 1991
 Tradução sérvia: Geopoetika Publishing, Belgrado, 2011
Os passeios do sonhador solitário, conto, 1982 — Contexto, Lisboa
 Tradução italiana: Linea d'Ombra, Milão, 1983
 Tradução húngara: Európa, Budapeste, 1985
 Tradução alemã: Beck & Gluckler, Freiburg, 1988

Tradução francesa: *Revue des Deux Mondes*, Paris, 1994
 Tradução holandesa: *Bunker Hill*, Uitgeverij Thomas Rap, Amesterdão, 1999
 Tradução sueca: Almaviva, Uppsala, 2001
Cavaleiro andante, romance, 1983 — Prêmio Originais de Ficção da Associação Portuguesa de Escritores, Editorial Caminho (3.ª edição), Lisboa, 1987, prefácio de Eduardo Lourenço
 Edição brasileira: Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1987
 Tradução francesa: Belfond, Paris, 1986
 Tradução búlgara: Editora Karina M., Sófia, 2011
Do poeta-pintor ao pintor-poeta, ensaio, 1988 — INCM, Lisboa
 Tradução francesa: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, Paris, 1989
O conquistador, romance, 1990 — Círculo de Leitores (3.ª edição, aumentada), Lisboa, 1993
 Edição brasileira: Rocco, Rio de Janeiro, 1993
 Tradução francesa: Belfond, Paris, 1992
 Tradução húngara: Íbis, Budapeste, 1995
 Tradução holandesa: Meulenhoff, Amesterdão, 1997
 Tradução espanhola: Tusquets, Barcelona, 1997
 Tradução italiana: Besa Editrici, Nardò, 2004
 Tradução romena: Editura Art, Bucareste, 2008
 Tradução dinamarquesa: Forlaget Orby, Kobenhavn, 2009
Vozes da paixão, teatro, 1998 — Editorial Caminho, Lisboa
A reviravolta, teatro, 1999 — Editorial Caminho, Lisboa
À hora do fecho, teatro, 2000 — Campo das Letras, Porto
 Tradução sueca: Almaviva, Uppsala, 2001

Tradução italiana: Besa Editrici, Nardò, 2008

Vanitas, 51 da avenue d'Iéna, conto, 1996 — F. Calouste Gulbenkian
(2.ª edição, aumentada), Lisboa, 2006

Tradução inglesa: idem, ibidem, 2006

Tradução francesa: Éditions Métailié, Paris, 2000

Tradução sueca: Almaviva, Uppsala, 2001

Tradução romena: Editura Vivaldi, Bucareste, 2007

Tradução italiana: Besa Editrici, Nardò, 2008

Tradução espanhola: Trea, Gijón, 2009

Os passeios do sonbador solitário, conto e libreto — INCM, Lisboa,
2011

O murmúrio do mundo (a Índia revisitada) — narrativa de viagem,
Tinta-da-china, Lisboa, 2012

Edição brasileira: Tinta-da-china Brasil, Rio de Janeiro, 2013



NESTA COLEÇÃO

Viva México
Alexandra Lucas Coelho

O murmúrio do mundo
Almeida Faria